

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

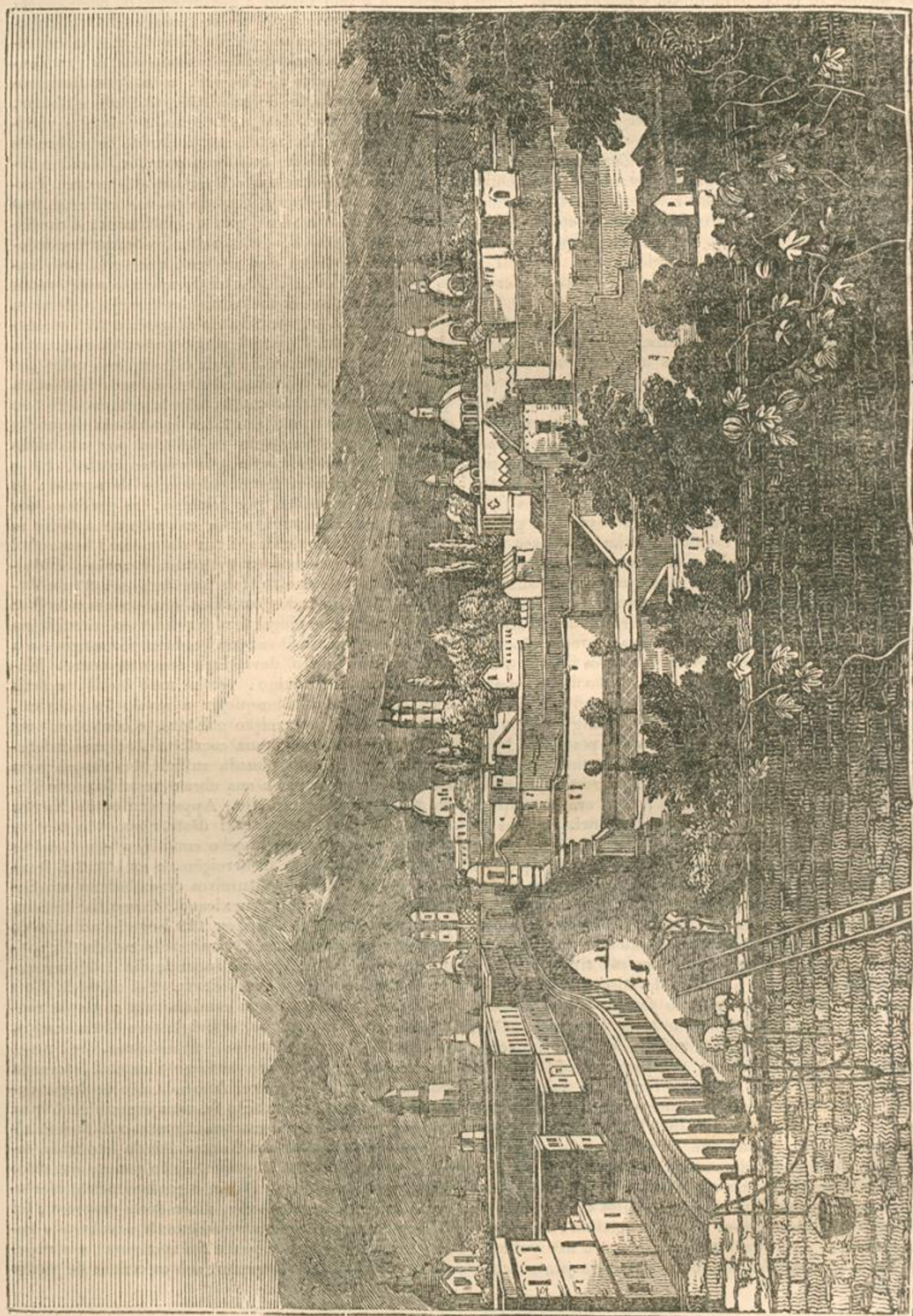
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

45)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(MARÇO 10, 1838)



CIDADE DO MEXICO.

MEXICO.

A HISTORIA da conquista do Mexico está hoje bastante divulgada. Ha pouco quem ignore o como Fernan-do Cortez abordou, em 21 d'Abril de 1519, com a península de Yucatan; os obstaculos que venceu, e os esforços pertinazes que fez para chegar a 8 de Novembro seguinte, á capital do Mexico; os meios atrozes de que se valeu para vencer e conservar-se; o assassinio de Montezuma, monarcha pacifico, que reputava a vinda dos conquistadores estrangeiros o cumprimento d'uma prophécia local; a matança da nobreza mexicana ordenada por Alvarado; a resistencia de Guatimozin e o seu horrivel e extraordinario supplicio; a conquista final deste imperio no meio d'immensa devastação; as cidades arrasadas, os habitantes passados á espada, e o Evangelho, código de paz e mansidão, prégado a ferro e a fogo. Dura em quasi todas as memorias a chronica lastimosa dessa invasão ferina e sanguinolenta de intrepidos aventureiros, onde os rasgos d'heroismo apparecem de mistura com perfídias e atrocidades, e na qual a America com todo o seu ouro não pôde deffender-se contra o ferro da Europa.

Póde-se dizer affoutamente que sobre ruinas fundou Cortez no Mexico o dominio hespanhol: e o systema d'opressão e de pilhagem não morreu com elle. A despeito de todas as diligencias de Carlos 5.^o para melhorar a sorte de seus novos e remotos subditos, perpetuou-se no Mexico a politica de despovoar, tractando os hespanhoes os indigenas como animaes de carga. Os vice-reis que a Hespanha mandava para o Novo-Mundo não cuidavam senão da sua fortuna e poder; pouco os inquietavam as miserias [que íam em quotidiano augmento] dos povos que governavam: a venalidade erguia ao redor delles um muro impenetravel aos olhos da auctoridade superior. Tão longe da metropole, e com tanto ouro á sua disposição, os vice-reis do Mexico eram verdadeiros despotas, que só attendiam, com raras excepções, aos seus caprichos. Por todos os modos de repressão trabalhavam afincadamente em reprimir os impulsos das idéas livres e generosas, e a propagação de quaesquer melhoramentos e progressos, que não deixam de suscitar nos povos os sentimentos da sua dignidade e independencia. O monopolio, que tanto pesava na agricultura como na industria, os direitos enormes, quer d'exportação, quer d'importação, a restricção absoluta d'uma educação luminosa, tudo era combinado de fórma que se perpetuasse a ignorancia, e com ella a escravidão dos naturaes.

Se não fossem os acontecimentos de 1808, talvez inda por muito tempo reinasse este systema em o Novo-Mundo. Aquelles successos, que abalaram a existencia politica da metropole, não foram por certo a causa immediata da revolução colonial, mas deram-lhe occasião e pretexto. Napoleão tinha com suas intrigas subjogado a península hispana, fazendo-a uma dependencia do imperio francez, e collocando na cabeça de seu irmão a corôa de Fernando. Com esta nova rebentou a insurreição do Mexico, coonestada ao principio com as apparencias d'uma declaração em pró do soberano legitimo; porém mais tarde manifestou-se abertamente a independencia contra esse mesmo soberano. José Iturigaray, vice-rei que então era, vendo que as colonias ficavam para o diante desligadas da metropole, separadas e entregues a si mesmas, quiz organizar uma junta, na qual entrassem proporcionalmente creoulos e europeus. Os ultimos indisposeram-se contra a medida, conspiraram contra o vice-rei, e lhe deitaram a mão, remetendo-o para Cadix, então em poder da junta rebel-

lada contra os francezes. Esta junta despachou para o Mexico a Venegas, homem da sua confiança, o qual pondo-se á testa do partido europeu adoptou por principio a opressão do partido creoulo. Daqui se originou a revolução, que sendo concebida n'um pensamento de fidelidade ao soberano legitimo, veio a parar na independencia colonial, e n'uma era d'emancipação. Os americanos não poderam tolerar sem impaciencia e sem rancor a auctoridade do novo governador; coube-lhes a sua vez de conspirar. Organizou-se em todo o reino uma liga, dirigida por varias dignidades civis e ecclesiasticas; sendo porém atraíçoados, e denunciados ao vice-rei, os conjurados arvoraram o estandarte da rebellião. O frade Hidalgo, reitor de Dolores, designado como a primeira victima, foi o primeiro revoltoso: a dez de Setembro de 1810 quando soldados o vinham prender, mandou tocar a rebate, e chamou os habitantes ás armas. Passados apenas dois mezes, contava ás suas ordens 30:000 homens, mal armados, mal disciplinados, é verdade; porém ousados, exasperados, e emprehendedores. Então começou essa guerra, que seria mui longo narrar. Hidalgo, não tendo apoio contra tropas aguerridas senão em meios revolucionarios, offereceu á sua milicia a perspectiva do sangue, e da devastação. Pondo cêrco, e conseguindo tomar Guanaxuato, as riquezas metallicas do paiz caíram nas mãos dos vencedores; e o soldado, dentre os seus indios, a quem menor quinhão coube, não teve menos de 500 a 1000 piastras; mas era tal a ignorancia daquelles miseraveis que tomavam os dobrões por medalhas douradas, e os trocavam por quatro reales. Estes triumphos tambem foram salpicados de revezes: os excessos commettidos por Hidalgo, as prédicas dos padres que excommungaram em chusma a todos os rebellados, e a valentia feroz do general hespanhol Calleja, tudo concorreu para uma reacção; Hidalgo, tomado prisioneiro, foi executado aos 27 de Julho de 1811, e todos os indios que poderam colher ás mãos foram espingardeados: foi uma carnificina horrorosa e geral. O sangue bradava por sangue, e a um caudilho morto devia logo succeder outro. Morelo substituiu Hidalgo: porém mais habil, e mais acautelado, tentou bosquejar a revolução politica, continuando a insurreição militar, e convocou uma junta, que formulou uma constituição; mas infelizmente Morelo não possuia sufficientes forças para apoiar com as armas a sua obra; vencido como Hidalgo, pereceu como elle. Appareceu então Xavier Mina, sobrinho do general deste nome tão célebre na península. Este mancebo combinou em Londres o plano d'uma nova insurreição, e em 1817 á frente de 450 ousados aventureiros desembarcou em Sotola Marina na costa mexicana. Como lhe tinham promettido reforços, deixou 130 homens no sitio do desembarque, e com os 320 restantes marchou á conquista do Mexico: logo no segundo dia 1:500 creoulos determinados se lhe uniram. Foi sobre S. Luiz do Potosi, desbaratou de caminho um corpo de realistas, entrou na cidade, e dirigiu-se a Guanaxuato, que lhe abriu as portas com enthusiasmo. Se, neste momento, Mina se arremessasse á capital, tomada estava Mexico: o vice-rei Apocada não tentaria deffende-la; mas Guanaxuato foi uma especie de Cápua para os vencedores; e em quanto estes alli faziam alto, os realistas reuniam forças. Ainda isto nada seria, se um desastre imprevisito não pozesse em risco a sorte da revolução. N'um reconhecimêto afastado, o moço commandante, alma desta empresa, foi feito prisioneiro, e desapiedadamente arcabusado pelo general Orantia. A perda foi immensa; e o exercito confederado se dispersou sob as ordens de varios

commandantes, que, cada um por seu lado, sustentaram a campanha. Esta nova guerra de guerrilhas sem descontinuação causaria a final as forças realistas, ainda quando um subito acontecimento não decidisse d'um golpe o futuro do Mexico. O coronel Iturbide, mandado a Acapulco com um dos regimentos de maior confiança, passou-se aos rebeldes, e proclamou-se generalissimo da independencia mexicana. Em poucos mezes veio a ser tão poderoso que os novos vice-reis, Novella, e O'donoju, transigiram com elle e reconheceram a independencia do estado emancipado. Iturbide entrou triumphante em Mexico. A municipalidade lhe sahiu ao encontro com grande pompa a offerecer-lhe as chaves da cidade: uma junta provisoria, installada com solemnidade, confirmou Iturbide em seus titulos, e nomeou a regencia do imperio. Infelizmente porém Iturbide não soube nem conhecer, nem aproveitar o principio revolucionario que lhe dera a victoria. Tomou por alvo a dictadura: mas os actos de crueldade estrema, e de intempestivo despotismo, que practicou, abalaram seu poder nascente, e antes que este se fortalecesse o arruinaram. Tendo o general Santa-Anna proclamado a republica em Vera-Cruz cresceu a deserção das tropas do imperador Iturbide, que se fizera coroar com toda a magnificencia. A dissolução do congresso, e a prisão d'alguns membros do mesmo não salvaram o imperador. Varios caudilhos proclamavam em diferentes pontos a republica; e n'um recontra decidiu-se a questão; o aventureiro coroado soffreu completa derrota, e como o fumo esvaeceu-se aquelle imperio de brevissima duração. O congresso desterrou Iturbide para a Italia concedendo-lhe uma larga pensão: porém este homem turbulento, não se julgando deposto, voltou em cousa d'um anno ao territorio mexicano; e poucos dias depois do desembarque foi apanhado, e sem remissão arcabuzado.

Entretanto progredia o novo estado á sombra de um governo composto dos generaes Vittoria, Bravo, e Regrete; e em Janeiro de 1824 se tinha promulgado a constituição mexicana, proclamando-se uma republica federativa. Os pontos capitaes deste codigo são, a independencia absoluta do paiz, a adopção do culto catholico como religião dominante, a divisão do territorio em dezenove districtos, e a dos poderes do estado em dois, a saber, legislativo, exercitado por duas camaras, a dos representantes, e o senado, e executivo, commettido a um presidente, e um vice-presidente eleitos pelos congressos das provincias. As armas da republica são um *cactus*, figueira da India em que se dá a cochonilha, em cima d'um rochedo no meio d'um lago; sobre o *cactus*, pousada com o pé esquerdo, uma aguia, que segura nas garras do pé direito uma serpente, a qual dilacera com o bico: dos dois lados do escudo ha dois ramos, um de louro, outro de carvalho, em memoria dos primeiros defensores da independencia.

As forças, tanto maritimas como terrestres deste estado ainda não são muito importantes: principalmente a marinha é insignificante, quer no material, quer no pessoal. O clero é uma das maiores influencias politicas do estado mexicano: o seu poder não enfraqueceu com a ultima revolução, porque foi elle um de seus mais activos e pertinazes agentes. Na republica ha um arcebispado, o da capital, e mais nove bispados, que junctos com o cabido collegial de Guadalupe, comprehendem 183 prebendas, ou canonicatos. No começo do presente seculo avaliavam-se as enormes propriedades do clero neste paiz em mais de oitenta e oito milhões de cruzados: mas parece que hoje não chegarão a metade desta somma.

A guerra civil, que por muito tempo assolou o paiz

produziu immenso abalo nas rendas do estado; em 1823 o deficit era enorme; porém desde 1828 tem ido melhorando a pouco e pouco: agora tratam de novas conversões da divida nacional em Londres, adjudicando, ou dando em pagamento aos possuidores de bonds terras nos dominios da republica, o que será muito vantajoso para os estados do Mexico, se poderão realizar esta operação. As rendas publicas alli eram ainda ha poucos annos, e julgamos continuam a ser, o monopolio do tabaco com certas modificações, o fabrico da polvora, o rendimento do correio, os impostos sobre o sal, as loterias, o cunho de moeda, os direitos das alfandegas, uma especie de decima, ou imposto territorial repartido desigualmente pelos districtos, um tributo sobre as bebidas espirituosas, e finalmente o producto dos bens, ou dominios publicos. Toda esta receita se emprega nos ordenados dos funcionarios, na manutenção do exercito, e marinha, e no pagamento dos juros da divida. Esta situação não é ainda nem tão desembaraçada, nem tão prospera, que não sejam precisos longos annos para os mexicanos poderem equilibrar a sua despeza com a sua receita.

Um dos elementos mais preciosos para o restabelecimento deste estado seria um impulso que dessem ao commercio, empobrecido por dilatadas guerras, e que mudou de senda com a revolução. Antes da epocha da independencia não tinha o Mexico outros meios de permutar seus generos senão com os da metropole e das outras colonias desta; todo o progresso commercial e industrial estava subordinado ás conveniencias do commercio e da industria d'Hispanha: por isso, ainda subindo a certo grau de actividade, aquellas permutações não tinham um desinvolvimento proprio. Só dois pontos estavam abertos á communicação externa com o Mexico; um, Vera-Cruz, destinado ao movimento entre o paiz e a metropole; outro, Acapulco, que servia para as relações com as possessões hespanholas da India, principalmente com as Philippinas: por tanto todo o commercio com a Europa estava concentrado em um só mercado, e de mais a mais em uma só mão, o *consulado*, corporação de negociantes, que residia em Mexico. Mas não obstante todos estes embaraços o commercio com o Mexico tinha no começo deste seculo grande extensão, devida certamente á enorme quantidade de valores cunhados, que alli se arrancavam ás profundidades da terra. Affirmam alguns escriptores que os nove decimos de todo o dinheiro metallico espalhado pelo mundo procedem das colonias hespanholas da America septentrional.

Desde a guerra da independencia, e nova organização da mesma resultante, o commercio passou inteiramente para outras mãos. As antigas casas hespanholas deixaram um paiz, onde não tinham segurança; e os negociantes que vieram de toda a parte da Europa estabeleceram a concurrencia n'um paiz, onde nunca até alli existira. Deixando apenas seus agentes em Vera-Cruz, fundaram em Mexico grande numero de escriptorios, que conseguiram mais, ou menos fortuna. Esta peripecia commercial não se effectuou todavia sem consideraveis perdas. As importações e exportações de Vera-Cruz desceram de 1821 a 1823 de dezeseite milhões a sete milhões de piastras: mas pouco a pouco o mercado foi adquirindo força, e ultimamente está em muito melhor estado. Já em 1824 o movimento combinado de Vera-Cruz e Alvarado andava por 34 milhões de cruzados; somma enorme, se considerarmos que durante cinco a seis annos d'agitação, e anarchia, os opulentos hespanhoes extrairam para a Europa, com o intuito de as manterem ao abrigo das rapinas e violencias, quantias tão

consideráveis, que se avaliam em trezentos milhões de cruzados. Presentemente o commercio mexicano, curado das feridas da guerra, vaé em progressão ascendente.

A republica do Mexico, antigamente o vice-reinado da Nova-Hespanha, abrange uma vastissima extensão de territorio, grande porção do qual fica além do tropico, e está na zona mais temperada do universo. A sua população total, tenuissima para tão extenso terreno, calcula-se ser de sete a oito milhões d'habitantes, quer indigenas, quer creoulos, ou europeus, ou mestiços, ou negros. A cidade de Mexico é a capital, e o foi do antigo imperio destruido por Cortez; estava situada n'um grupo d'ilhas do lago Tezcuco, em meio d'um amplissimo valle rodeado d'altas montanhas. As aguas do lago, que não tem grande profundidade, com o andar dos tempos se afastaram da cidade, e distam hoje obra de meia legua, portanto está aquella ao presente em terra firme, e entra-se por cinco grandes estradas de 15 braças de largo. Mexico tem nobres e bem construidos edificios, apraziveis arredores, e clima temperado: dão-lhe 180 § 000 habitantes.

Em Novembro do anno passado soffreu esta cidade um violento terremoto, que esteve a pontos de abismá-la, durou $4\frac{1}{2}$ minutos, destruiu muitos edificios, entre elles a cathedral; e pereceu muita gente.

Concluimos com uma estampa que mostra o methodo singular de carregar a agua nesta capital.



AGUADEIRO MEXICANO.

Publicámos as seguintes observações que nos foram communicadas pelo Sr. Franzini, cujo nome é a abonação dellas, e honra do nosso jornal.

METEOROLOGIA.

Observações sobre a quantidade de chuva annual em Lisboa, comparada á de outros pontos do globo, por M. M. Franzini.

1.º

UMA das observações interessantes de que se occupa a meteorologia é sem duvida o conhecimento da quantidade de agua de chuva que cae nos diferentes mezes do anno em qualquer sitio, Continuadas por al-

guns annos póde-se conhecer com sufficiente exactão a ordem da sua successão, e a quantidade provavel que compete a cada um dos mezes e das estações, o que é muito necessario para regular os trabalhos da agricultura assim como para determinar as dimensões que devem ter as cisternas, ou outros quaesquer depositos da agua de chuya, attendendo-se á superficie que a deve recolher. É sómente com o auxilio de semelhantes observações locais que se podem obter aquelles resultados, pois que a sua quantidade não só varia nos diversos annos, mas tambem depende essencialmente da posição topografica dos paizes, não só em rasão do seu clima, mas tambem da sua proximidade ás costas maritimas, ou á de grandes serranias, que algumas vezes pela sua posição embaraçam a marcha das nuvens, e condensando-as alli, produzem nos logares proximos copiosas chuvas, como adiante faremos notar.

Para se fazerem estas observações usa-se de um instrumento denominado *pluviometro* [*] ou medidor de chuva, que consta de um funil de lata ou de cobre, de conhecidas dimensões, o qual exposto exteriormente no telhado de um edificio, ou de um campo desembaraçado, recolhe a agua que a chuva lança naquella mesma superficie, e a conduz a um vaso cuja superficie sendo 6 ou 8 vezes menor que a do funil faz mais sensivel ao observador a quantidade de agua caída entre uma e outra observação. Este recipiente collocado dentro do edificio costuma ter uma escalla dividida em pés, ou palmos, ou outra qualquer medida, subdividida em centesimos ou millesimos. Transcrevendo-se diariamente estas observações facil será deduzir o numero de canadas ou almudes que caíram em um determinado intervallo de tempo sobre a superficie de uma braça ou legua quadrada, e por consequencia sobre um extenso territorio.

Ainda ha poucos annos que os observadores francezes descobriram que os recipientes collocados em um mesmo sitio, porém em diferentes alturas, sobre o nivel do terreno, recebem quantidades diversas d'agua, de cujo fenomeno ainda se não deu uma explicação satisfactoria. Desde o anno de 1817 que existem no observatorio de Paris dois recipientes perfeitamente eguaes, situados, um na summidade do edificio e outro no pateo, pelo meio dos quaes se determina diariamente a quantidade de chuva caída, ou para melhor dizer, a altura do liquido de que uma superficie plana e impermeavel se cubria se não houvesse evaporação. Como já se disse a somma destes resultados parciaes dão a quantidade de chuva annual.

Ora cumpre notar que apesar de que a differença de nivel entre aquelles dois recipientes não excedesse a 27 metros [quasi 123 palmos], com tudo as quantidades de liquido que se tem recolhido differem de uma oitava parte em que o recipiente inferior excede ao superior. Por um médio concluido das observações feitas nos 6 annos de 1817 a 1822, resultou que a quantidade de chuva recolhida no *pluviometro* superior do observatorio de Paris foi de 490 millimetros, e no inferior de 533. — De um tal fenomeno, deduzido da observação, se conclue que se desejarmos comparar exactamente, em duas epochas diversas, as quantidades de chuva que caem annualmente em um mesmo sitio é necessario que os *pluviometros* tenham sido collocados em egual altura sobre o terreno, ou levarmos em conta as differenças do nivel.

Segundo os resultados das observações feitas em Paris no longo periodo de 133 annos parece que a quantidade média da chuva annual não tem variado, e que póde fixar-se em 533 millimetros, ou 2,44 pal-

(*) Dos *pluviometros* ou *pluvimetros* fizemos simples menção a pag. 29 do N.º 39 do Panorama. — O Bedactor.

mós, um pouco menos que em Lisboa. A differença porém, toda em vantagem do clima de Paris, consiste em que toda esta quantidade de chuva se acha repartida proporcionalmente em todos os mezes em 134 dias, e mais 12 de neve, e que os mezes de Junho, Julho e Agosto, que em Lisboa são quasi secos, são alli os mais abundantes em chuva, principio vital de toda a vegetação.

A taboa que se segue mostra o resultado médio daquellas observações.

Chuvas em Paris.

	<i>Dias de Milli-chuva metros</i>		<i>Dias</i>	<i>M.^s</i>
Inverno . .	Dezembro	— 13 — 44	— 41	— 139
	Janeiro . .	— 10 — 32		
	Fevereiro	— 9 — 31		
	Março . . .	— 9 — 32		
Primavera	Abril . . .	— 11 — 37	— 21	— 89
	Maió . . .	— 10 — 52		
Verão . . .	Junho . . .	— 14 — 59	— 50	— 219
	Julho . . .	— 11 — 60		
	Agosto . .	— 11 — 55		
	Setembro	— 14 — 45		
Outono . .	Outubro .	— 9 — 46	— 22	— 86
	Novembro	— 13 — 40		
Sommas . . .			134	533

É mui digno de notar-se que durante um tão longo periodo de observações só trez vezes aconteceu ter decorrido um mez sem chuva; a saber, o de Janeiro 1691, o de Fevereiro 1725, e o de Janeiro 1810. Este fenomeno tão raro em Paris é quasi permanente em Lisboa e em todo o reino, pois sem contarmos os casos extraordinarios como ultimamente aconteceu nos mezes d'Outubro e Novembro do anno passado, em que apenas caíram algumas pingas de chuva, póde-se asseverar, como adiante mostraremos, que os tres mezes de Junho, Julho e Agosto são quasi secos, e por isso extremamente prejudiciaes a muitos generos de culturas, como a dos prados artificiaes, milhos, etc., da qual observação resulta a incontestavel necessidade de promover por meio dos poços artesianos as regras artificiaes, assim como a necessidade de plantar arvoredos nas encostas e summidades dos montes, actualmente tão despídos de grandes vegetaes.

O QUE ERA A CIDADE BAIXA.

VEDES VÓS essa extensa planicie que corre desde o Passeio publico até a Praça do commercio, essas ruas espaçosas e cheias de ruido, esses edificios de marmore, tão formosos e solidos? — Ha dez seculos nesse lugar o que havia era um esteiro do Téjo por onde singravam barcas. Em vez dessas lojas dos ourives, dos mercadores, dos capellistas, apenas havia ahi o remanso das aguas, e as entenas das embarcações grossieras dos godos, e talvez ainda dos mouros.

Fr. Luiz de Sousa contando a fundação do convento de S. Domingos juncto ao rocio diz que achava por memorias antigas que por onde hoje é a cidade baixa vinha antigamente um esteiro de mar, com fundo bastante para receber navios. O mesmo escriptor affirma que, abrindo-se uns alicerces para fazer um dormitorio novo naquelle convento, no anno de

1571, vira provas disto; porque se descobriu silharia de pedra bem lavrada, e de espaço em espaço grossas argolas de bronze, mostrando que houvera alli um caes, onde se amarravam navios. Tambem lá se acharam muitas cascas de mariscos.

Quando D. Affonso Henriques tomou aos mouros a cidade, era o principal assento della o monte do castello: dahi se estendia um bairro populoso, e talvez o melhor, pela encosta que vae dar ao Téjo: vinha a ser este bairro a nossa Alfama, que tantos vestigios conserva da sua mui remota antiguidade. Parece que já nesse tempo as terras esboroadas dos montes que correm por um e outro lado do valle tinham entulhado muito o esteiro, tornando-o facil de vadear porque os arrabaldes corriam tambem pela encosta do monte onde hoje está o Carmo, e pelo lado da moderna rua dos Martyres e de S. Francisco. Era nestes arrabaldes onde os estrangeiros, que ajudaram a D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa tinham assentado os seus arraiaes, e acomettendo elles a cidade pelo lanço de muro que corria pouco mais ou menos por onde hoje é a rua das pedras negras, necessariamente deviam passar pelo valle; e se ahi houvesse ainda um esteiro profundo a empresa teria sido difficilissima, senão impossivel.

Entretanto a cidade baixa ficou ainda por seculos sugcita ás irrupções do rio, que juncto ás aguas que no inverno se despenhavam do monte de Sancta Anna, e ás que vinham do lado de Andaluz faziam grandes estragos. O já citado Fr. Luiz de Sousa conta que muitas vezes a agua entrou no convento de S. Domingos arrasando tudo quanto encontrava, e o mesmo devia acontecer aos outros edificios que estivessem naquelle nivel. Não eram só as torrentes das chuvas que faziam estes estragos; era tambem o mar que entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas; tão pouca elevação tinha a terra acima da superficie do mar. Os seculos que tudo mudam, teem feito com que hoje a mais bella porção da nossa capital esteja livre de semelhantes ruinas.

PARALLELO DOS SOLDADOS INGLEZES E FRANCEZES.

O SEGUINTE paralelo curioso, que lemos em um jornal, refere-se a um soldado d'infantaria, por ser esta a arma mais numerosa em ambas aquellas nações.

O alimento do soldado inglez consiste, de manhã em pão e caffè, e ao jantar em carne, batatas, ou legumes: poucos são os regimentos onde o soldado tem terceira comida. Suppre a estas despesas do inglez o soldo diario de pouco mais ou menos 2/08 réis, que além dellas é destinado para a roupa branca e calçado; dando-lhe o estado afóra o soldo fardamento de panno de lãa, e barretinas.

O alimento do soldado francez é constantemente carne, pão, e legumes: em quasi todos os corpos a praça de pret come duas vezes ao dia sopa gorda e vacca; e só quando é extrema a carestia da carne come uma vez sopa de vacca, sendo a segunda comida de legumes temperados com toucinho. Cobre estas despesas o seu soldo diario de 37 centimes [quasi 60 réis]; o qual é unicamente destinado ao rancho do soldado; porque o governo lhe dá de fóra parte uma ração de pão de munição, e a lenha para cosinhar. A ração diaria de pão é libra e meia; e faz-se de farinha de trigo puro, extraíndo-se dez libras de farelo por cada cem libras de pão.

Vê-se que o soldado inglez tem maior soldo que o francez, porém a differença é, na realidade, menor do que parece, em rasão do subido preço dos generos em Inglaterra, e do habito pernicioso das bebidas al-

coolicas, cujo uso é uma necessidade para o soldado inglez.

Ao entrar no serviço, cada soldado francez recebe uma farda, um capote, e jaleco e bonné de policia, que devem durar tres annos, uma barretina para quatro annos, e um par de calças para um. — O inglez recebe farda e calças para um anno, capote para tres, e barretina para dois. Portanto se estes artigos em França devem durar mais, são em compensação mais numerosos por isso que o inglez não recebe fardeta e bonné.

Mas ainda que, a certos respeito, o bem-estar do soldado inglez pareça mais completo que o do soldado francez, o primeiro compra bem caro as modicas vantagens d'um soldo mais subido. Obrigado a servir os dois terços da sua carreira em colonias remotas e doentias, está exposto a molestias, e a padecimentos physicos, que lhe encurtam a existencia. O seu destacamento ás vezes equivale a um degredo por toda a vida. Está provado que, em dez annos, de mais de 53:000 soldados, empregados nas diversas colonias inglezas, morrem annualmente mais de 3:000, isto é quasi 6 por cento; mortalidade tres vezes maior que no exercito francez.

Nas colonias francezas serve, quando muito, a decima quinta parte do exercito; e o perigo das doencas tem sua compensação porque o terço dos postos vagos d'officiaes pertence aos officiaes inferiores; porém o soldado inglez não é animado com esta perspectiva. Quer disime as fileiras o habito da peste, quer o fogo dos combates, pouca esperança póde nutrir de alcançar uma patente; hoje não chegam talvez á quinquagesima parte da officialidade britannica os individuos, que saírm da classe de soldadas. Em tal estado de cousas, é necessario que as praças de pret achem na tarifa mais alta dos soldos e pensões a indemnisação que não carece aquelle a quem se não fecha a porta para o adiantamento. E' tambem de notar que no exercito francez os postos inferiores são mais numerosos que no inglez. Em qualquer batalhão francez ha a terça parte mais de officiaes inferiores, e cabos d'esquadra do que n'um batalhão inglez.

Se lançarmos agora a vista para sorte reservada aos soldados das duas nações na epocha da reforma, veremos que o francez está a este respeito de melhor condição que o outro. A pensão de reforma do inglez varia de 35 \$ 040 réis a 70 \$ 080 réis pouco mais ou menos, conforme o tempo de serviço de 21 a 25 annos. Esta reforma é evidentemente muito modica á vista da carestia dos generos em Inglaterra. Em França a tarifa de reforma d'um soldado varia de 32 \$ a 4 48 \$ réis depois de 30 annos completos de serviço. Com esta pensão um veterano póde viver mui commodamente n'um paiz barato. Se o soldado inglez parece mais favorecido no tempo de serviço exigido para obter a reforma, fação favor de lhe metter em conta o tempo que passou debaixo do clima dos tropicos, que consome por um modo tão breve e tão funesto a gente do Norte.

O valor, ou o comportamento meritoric no serviço recebem em França honras e recompensas, que as não tem analogas em Inglaterra. Em quanto o soldado inglez está sujeito ás bandeiras, o comportamento mais credor d'elogio não lhe póde alcançar remuneração alguma; apenas quando larga o serviço recebe com a sua pensão uma tenue gratificação, e uma medalha de prata.

Que contraste fazem estas disposições com a instituição da Legião d'Honra! O soldado francez póde receber esta condecoração por uma acção brilhante, durante o seu serviço, ella o distingue entre os seus

camaradas, e lhe traz uma pensão annual de 40 \$ rs., que ajuncta ao seu soldo:

Não deve tambem ficar no esquecimento o costume aviltador, que se perpetúa no exercito inglez, e que a maior parte dos seus officiaes julgam indispensavel para a manutenção da disciplina; costume que está em opposição manifesta com os costumes francezes. Tracta-se da flagellação, ou castigos corporaes. Em França a lei pune com longa prisão e com a perda do posto o superior, que tomar a liberdade de levantar a mão contra o seu inferior: ainda mais, declara-o incapaz de servir sob a bandeira franceza. A flagellação é prohibida: e ainda que o legislador redigiu o codigo militar daquelle paiz com extrema severidade a bem da disciplina, todavia quiz que a dignidade do homem e do militar não fossem expostas aquelles ultrajes.

GASPAR HAUSER.

ACONTECEU ha alguns annos na Allemanha um facto, que pelo mysterio em que ainda se conserva envolto, traz á memoria o singular romance do Mascara de ferro, e pelas suas particularidades interessa os medicos e os physiologos.

No dia 26 de Maio de 1828, n'uma rua de Nuremberg, chegou-se a um burguez um mancebo que trazia na mão uma carta, e lhe perguntou a morada d'um capitão de cavallaria. Este mancebo era de mediana estatura e bem proporcionado; tinha cabellçs louros, e rosto oval, mas no modo de olhar, no andar, e no traje notava-se-lhe um não sei que de insolito: era Gaspar Hauser. Fez-lhe o burguez diferentes perguntas, e Gaspar não o percebeu, e respondeu-lhe d'um modo pouco intelligivel, por que fallava um dialecto allemão sómente usado n'uma provincia remota da Baviera, e esse mesmo fallava mal. Para explicar a sua situação mostrou a carta, que não tinha data, nem indicação alguma de logar, e era assim concebida:

“Senhor capitão, envio-vos um menino que poderá servir fielmente elrei e a patria. Foi-me entregue em 7 de Outubro de 1812. Sua mãe me pediu que o criasse, mas sem me dar informação alguma a seu respeito, e eu não declarei á justiça que me fôra confiado. Sou um pobre trabalhador, pae de dez rapazes, e não posso sustentar este por mais tempo. Com tudo sempre o tractei como se fôra meu filho, e eduquei-o christãmente; porém desde o dia em que mo entregaram nunca deu um só passo fóra de minha casa. Ninguem o viu, e elle mesmo ignora completamente o nome do logar onde vivera. Se o interrogardes a este respeito não saberá responder-vos. Ensine-lhe a ler e escrever. Acompanheio até á praça, e de lá deve ir ter convosco. Disse-lhe que quando fosse soldado como seu pai, iria busca-lo. Fiz com que viajasse de noite, e não pude dar-lhe um só kreuzes [2 reaes]. Saúdo-vos humilissimamente. Não me nomeio com medo do castigo.”

Um bilhetinho de letra mais antiga vinha juncto á carta, e continho o seguinte: “O menino foi baptisado, chama-se Gaspar; conservai-lhe o nome; elle nasceu em 30 de Abril de 1812. Criai-o até a idade de 17 annos, e mandai-o para Nuremberg, afim de alistar-se no 6.º regimento de cavallaria, onde seu pae serviu. A mim, não me é possivel conserva-lo. Sou uma pobre mulher e meu pae é fallecido.”

Esta carta, e as respostas confusas de Gaspar, tinham um tal character de singularidade, que o bom cidadão de Nuremberg, não sabendo resolver este enigma, conduziu Gaspar á policia, onde ao princi-

pio foi tido por um embusteiro. Fizeram-lhe uma grande enfiada de perguntas, sujeitaram-no a diversas provas, mandaram-o espreitar por muitas pessoas, e não se desmentiu um só instante. O aspecto d'uma montanha lhe causou pasmo, a vista d'uma torre lhe pôs medo; o cheiro da carne, e da cerveja o enjoou muito, e o do tabaco o fez chorar. A final, depois de todas as experiencias, todos se convenceram de que era um pobre menino d'uma natureza particularissima, e mais ignorante que os selvagens. Metteram-no em casa d'um mestre que foi encarregado de instrui-lo, e subiu successiva e penosamente todos os degraus da vida civilisada. Foi-lhe mui difficil habituar-se ás comidas que lhe apresentavam. Tudo, excepto o pão e agua lhe causava forte repugnancia, porém quando se deitou n'uma das boas camas allemãs, tão macias e quentes, disse que nunca sentira tanto regalo. Af fez-se pouco a pouco á sua nova existencia, e valendo-se do auxilio da memoria referiu o que lhe tinha succedido.

Estava disse elle, enterrado n'uma choupana de cinco a seis pes de largura, perfeitissimamente fechada; sómente duas frestas lhe deixavam chegar um raio de luz. Servia-lhe de cama uma pouca de palha espalhada pelo chão, eram os seus vestidos umas calças e uma camisa, o alimento pão e agua, e a distracção dois cavallos e um cão de madeira. Passava o tempo em enlaçar cordões de seda de diversas maneiras á roda dos seus brinquedos, e depois dormia. Durante o somno renovavam-lhe regularmente os mantimentos. Tinha sempre bastante pão, mas esgotava em muito pouco tempo a bilha de agua, pois a agua exercia nelle grandissima influencia, e lhe dava nova energia. Beber era a sua primeira precisão, o seu primeiro pensamento ao despertar; nada o affligia tanto como achar a bilha vazia, e quando entrou em Nuremberg em casa do professor Daumas, despejou n'um instante, com demonstrações de vivo praser cinco a seis copos d'agua. Por muitos annos não viu nem ouviu cousa alguma. A sua prisão era o seu universo, e os dois cavallos e o cão os seus unicos amigos. Não fazia então idéa senão das emoções phisicas, e vivia sem o sentimento da existencia, ora brincando com os seus animaes, ora dormindo. Apareceu-lhe certo dia um homem, o que lhe causou desusado espanto porque jámais tinha imaginado cousa semelhante. Este homem lhe ensinou a ler, a escrever, e a passear no sentido do comprimento e da largura da sua estreita prisão, sendo este exercicio o que lhe foi mais difficil. Até alli havia estado constantemente deitado ou sentado, de sorte que tinha as pernas inteiriçadas e tropegas, e quando tentou pela primeira vez move-las, sentiu tal dôr que caiu no chão, e debulhou-se em lagrimas; no dia seguinte a mesma tentativa lhe fez soffrer egual dôr, e só as ameaças do homem que lhe servia de mestre poderam decidi-lo a estar em pé e a andar. Finalmente aprendeu com docilidade as lições que lhe davam, e quando o mysterioso mestre o julgou assaz instruido, trouxe-lhe um vestido, um chapéu, e fê-lo caminhar para Nuremberg.

Gaspar estava, já havia um anno, em casa do professor Daumas, e a noticia das suas aventuras se havia diffundido pela Allemanha. Annunciaram que ia a escrever a sua historia, e esta noticia causou sem duvida tanto terror áquelles que o tinham tractado com tamanha barbaridade, que os excitou a perpetrar novo crime. Um dia o foram achar banhado no proprio sangue; tinha uma grande ferida na cabeça, e contou que um homem envolto n'um capote se lançára sobre elle no momento em que estava só, e o levára debaixo de si. Por espaço de tres semanas lutou com as crises mais violentas; a arte dos medi-

cos o salvou, porém as devaças da policia não puderam descobrir o assassino.

Em 1931, o conde Ltanhope, compadecido de tantas desgraças, adoptou Gaspar por seu filho, e resolveu leva-lo consigo para Inglaterra afim de livra-lo do odio dos seus inimigos. Entre tanto mettu-o em Anspach em casa d'um mestre de eschola; porém o destino mais cruel e inexplicavel tinha impresso o fatal sello da morte na fronte do desgraçado Hauser. Dois annos depois da sua chegada a Anspach foi assassinado, e todas as pesquisas feitas para descobrir o assassino foram tão infructiferas como da primeira vez.

Gaspar foi enterrado em Anspach, e no seu tumulo gravaram este epitaphio:

Hic jacet Gaspar Hauser, enigma sui temporis.

Ignota nativitas, occulta mors.

“Aqui jaz Gaspar Hauser o enigma do seu tempo.

“Ignoto é o seu nascimento, occulto o genero da sua morte.

SUICIDIO LEGAL NO JAPÃO.

N'UMA carta do jesuita Gaspar Villela escripta do Japão em 1557 e impressa na collecção publicada em Coimbra em 1570 se lê a seguinte descripção do suicidio legal.

“O modo que tem elrei em castigar algum senhor de titulo que se alevantou contra elle ou cometteu traição, é este: o mesmo dia que assenta elrei que morra, estando o traidor solto em sua liberdade, lhe manda dizer que ha-de morrer tal dia: o traidor responde, que se sua altesa quizer, que elle mesmo se matará; e se elrei diz que sim, tem-no por grande honra, veste-se dos melhores vestidos que tem, toma uma adaga, e mette-a desde o peito, até baixo da barriga, e torna em cruz de um lado a outro, cortando a barriga, e assim morre. Os que desta maneira morrem não ficam infamados, e ficam os morgados e casas como d'antes. . . . Se elrei responde que se não mate, que elle o mandará matar, recebido este recado, se faz o traidor prestes, com todos os seus criados, amigos, e filhos, com armas em sua casa para pelejar, e elrei manda um senhor que tem cargo daquillo, que é como capitão e regedor da cidade, com a gente que lhe parece que bastará, e vae matar ao tal senhor: a mais gente da cidade está olhando a peleja, e os que accomettem os traidores na casa onde estão, ou em terreiro; e vem ás frechadas, e depois chegando-se vem ás lançadas, e no fim vem á espada; e assim morre o traidor com todos seus criados, filhos e familia, e queimam-lhe a casa, e toda a memoria daquella geração fica apagada.”

Esta relação do Missionario portuguez é confirmada, sobre tudo na primeira parte, pelos viajantes modernos. O costume de rasgarem o ventre os nobres criminosos é tão corrente que, sendo da regra fazerem esta execução vestidos com as suas ricas roupas, todos os officiaes civis e militares trazem consigo, até viajando, os trajos mais decentes que teem, para o que der e vier. O habito de assim se matarem faz com que os japonezes sejam extremamente ousados e desprezadores da vida. Como os europeus teem a mania dos desafios, os japões teem a de rasgarem as entranhas por qualquer affronta que lhes façam. Na viagem á roda do mundo publicada em 1834 por D'Urville se encontra a este respeito a seguinte anedota.

Certo dia dois nobres, empregados no palacio do imperador, se encontraram na escada: um descia, trazendo na mão uma escudela vasia: subia o outro, levando um prato de guisados que ia pôr na mesa imperial. Rogou por acaso o terçado de um pelo terçado do outro. O que vinha descendo enfadou-se com isto; desculpou-se o que subia, accrescentando que o acontecimento era uma bagatella, que não passava de ser uma roçadella de dois terçados, que tanto valiam um como o outro. "Tanto vale um como outro! replicou o injuriado. — Ora eu lhe mostro se vale." E puxando do terçado rasgou as entranhas. Sem dar palavra, o outro galgou as escadas, poz o prato na mesa, e deitou a correr, empando, para o seu adversario, já agonisante; — "Se não fosse o serviço do imperador, gritou elle aos ouvidos do moribundo, não tardaria eu tanto. — Valem o mesmo ambos os terçados!" — Dicto isto rasgou as entranhas.

A economia dos chins. — A economia dos chins chega a ser avareza: tiram os vestidos quando jogam a pancada, porque, dizem elles, é melhor receber um buraco no corpo, que tem remedio, do que no fato, que não tem cura.

Methodo allemão para fazer as pastilhas de hortelaã-pimenta. — Mandam-se fazer a um confeiteiro as pastilhas bem eguaes; depois faz-se uma dissolução de hortelaã em ether sulfurico, impregnam-se as pastilhas desta dissolução e expõem-se ao ar livre. O ether, mais volátil que a essencia, evapora-se, e as pastilhas ficam impregnadas do aroma da hortelaã. Bastam vinte gottas de essencia e tres oitavas d'ether para duas onças de pastilhas.

O papel-moeda na China e na Persia. — Tambem ouve quem na China quizesse introduzir o uso do papel-moeda; mas esta desgraçada tentativa não foi ávante, porque os chins manifestaram invencivel repugnancia em trocar o seu solido numerario por uma cousa de tão pouca valia. Peiores resultados teve uma semelhante medida na Persia, onde excitou a tal ponto o odio da plebe, que Muzuffer, seu auctor, foi assassinado, e Kei-Khaton perdeu o throno e a vida, apesar de ter abolido a lei mal acabava de promulgá-la, no anno da Egira 694, e 1294 de J. C.

Annos de J. C. SEMANARIO HISTORICO. Março 4

1394 — Nascimento do infante D. Henrique, filho de D. João 1.^o e celebre pelos descobrimentos que mandou fazer.

5

1535 — Morreu na sua volta para Portugal o esforçado Nuno da Cunha, que foi dez annos governador da India, cousa que a ninguem aconteceu, nem antes nem depois d'elle.

1827 — Morte de Alexandre Volta, cujos descobrimentos foram importantissimos para as sciencias physicas. O seu mais affamado invento é a machina electro-galvanica, chamada pilha ou bateria voltaica. — No mesmo dia e anno falleceu o conde La-Place, um dos mais celebres mathematicos e astronomicos do nosso tempo.

6

1503 — Accomette o rei de Fez a nossa praça de Tangere: os portuguezes o fazem retirar com grande estrago dos seus.

1587 — Martim Affonso de Mello toma e arrasa a cidade de Mombaça.

7

1517 — Fallece em Lisboa a rainha D. Maria, segunda mulher delrei D. Manuel.

1639 — Vem o imperador do Mogol sobre a praça de Damão, com um poderoso exercito: saem os portuguezes a pelejar com elle fóra dos muros, e obrigam-no a retirar-se com grande perda.

8

1647 — Os hollandezes, senhores de Pernambuco intentam a conquista da Bahia. Desembarcam em Taparica: erguem ahí um forte, donde inquietam a cidade. Accomettem-os os portuguezes da Bahia, que são rechaçados com grande perda. Mantiveram-se os hollandezes durante algum tempo naquelle sitio, até que, sabendo que alli os ía buscar uma armada portugueza, se retiraram para Pernambuco.

9

1500 — Parte de Lisboa para a India Pedro Alvares Cabral, e durante a sua viagem descobre o Brasil.

1526 — D. Henrique de Menezes toma e arraza Coulete, logar fortissimo a seis leguas de distancia de Calecut. Caíram em nosso poder, além de muitas armas de toda a sorte, 360 peças de artilharia e 53 parásus.

10

1581 — Morre em Goa o celebre D. Luiz d'Attaide, de quem fizemos menção no N.^o 43 do Panorama a pag. 61.

1668 — Publicam-se em Lisboa as pazes com Castella, feitas pelo tractado de 13 de Fevereiro do mesmo anno.

1826 — Morre D. João 6.^o, rei de Portugal, tendo de idade quasi 59 annos.

Roga-se aos Srs. Assignantes deste Jornal, que subcreveram por um anno a findar no ultimo d'Abril com o n.^o 52, e quizerem continuar, tenham a bondade de renovar a tempo as suas assignaturas, para não soffrerem interrupção na entrega dos n.^{os}

Desejando a Direcção estabelecer as assignaturas regularmente com o anno civil, são por este convidados os mesmos Srs. Assignantes a fazerem as suas novas assignaturas, ou por 2 mezes a findar no ultimo de Junho, ou por 5 dictos acabando em Setembro, ou por 3 findos em Dezembro do corrente; ou então por 14 mezes. Os preços serão os seguintes:

Pelos 2 mezes, ou 9 n. ^{os}	210 réis
— 5 d. ^{os} , ou 22 —	550 —
— 8 d. ^{os} , ou 35 —	850 —
— 14 d. ^{os} , ou 61 —	1410 —

Rogamos aos Srs. Correspondentes hajam de tomar as assignaturas nesta conformidade.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 = 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.